

GRAMÁTICA – VERBOS

1. Troque o verbo ou feche a boca

Rita Lee cantava uma música que dizia "o resto que se exploda, feito Bomba H". Será que na língua culta existe "exploda"? Explodir é verbo defectivo, ou seja, não tem conjugação completa. No presente do indicativo, deve-se conjugá-lo a partir da segunda pessoa do singular (tu explodes, ele explode etc.). Muita gente não sabe da existência dos defectivos e os "conjugua" em todas as pessoas.

A alternativa que exemplifica o que foi expresso no último período é

- Houveram dificuldades na resolução da questão.
- Ficaremos felizes se vocês mantiverem a calma.
- É preciso fazer contas para que a prestação caiba no orçamento.
- Empresário reavê judicialmente a posse de seu imóvel.
- Polícia deteu quase 60 torcedores nas imediações do Morumbi.

2. Leia.

Platão defendeu, no Banquete, em Fedra e em outros textos, a existência de um espírito místico ou furor enviado pelo céu, através do qual uns poucos eleitos se "inspiravam": "As maiores bênçãos vêm por intermédio da loucura, aliás, da loucura que é enviada pelo céu." Possuídas assim por visões transcendentais ou por conhecimentos transcendentais, essas pessoas desfrutavam de uma "loucura divina", que as elevava acima dos mortais.

A concepção freudiana do gênio era bastante diferente. Não era uma dádiva dos deuses, mas resultado dos processos do inconsciente; não vinha de cima, mas de dentro, das profundezas. [...]

A "arte" e a habilidade artística, mais que a inspiração, eram consideradas a marca do artista ou do escritor, e as estruturas de patronagem do mundo das letras tradicional proviam fortes argumentos a favor da conformidade social, em vez de excentricidade do artista.

Isso não quer dizer que a "imaginação" e o "gênio" visionário estivessem em baixa em terrenos críticos. Mas a teoria clássica, modificada pela psicologia empirista do Iluminismo, insistia que a imaginação não deveria ser obstinada, idiossincrática e visionária, mas residir na sólida formação dos sentidos e ser temperada pelo juízo. O verdadeiro gênio era um impulso orgânico saudável para a combinação das matérias-primas da mente.

PORTER, Roy. Uma História Social da Loucura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. p.81-82.

a) A palavra que apresenta comportamentos distintos nos trechos em destaque. Estabeleça a diferença entre os dois empregos.

i. "essas pessoas desfrutavam de uma "loucura divina", que as elevava acima dos mortais" (ref. 1)

ii. "Isso não quer dizer que a "imaginação" e o "gênio" visionário estivessem em baixa em terrenos críticos." (ref. 2)

b) Mantendo o mesmo sentido, reescreva a passagem em destaque, de acordo com o que é pedido:

O Iluminismo endossou a fé na razão. Durante a segunda metade do século XVII, passou-se a criticar, condenar e massacrar qualquer coisa que fosse considerada irracional.

→ Use o verbo "efetuar" no lugar do verbo "passar";

→ Substitua cada um dos verbos assinalados pela forma nominal correspondente no plural.

→ Faça outras modificações que julgar necessárias em função das alterações propostas.

O Iluminismo endossou a fé na razão. Durante a segunda metade do século XVII,

_____.

3. Em "Embarcaremos amanhã, então, vimos dizer-lhe adeus, hoje", a alternativa que classifica corretamente a conjugação modo-temporal do verbo destacado no fragmento é

- Pretérito Perfeito do Indicativo
- Futuro do Presente do Indicativo
- Presente do Indicativo
- Imperativo Afirmativo
- Pretérito Imperfeito do Indicativo

4. Se, na frase

"Quando a encontrar, dê o seguinte recado a ela: seu marido acreditou que se prendesse o animal, este não desejaria mais ficar com a família",

os verbos destacados fossem substituídos, respectivamente por "ver", "crer", "deter" e "querer", mantendo o tempo verbal, teríamos:

a) Quando a ver, dê o seguinte recado a ela: seu marido crêu que se detesse o animal, este não queria mais ficar com a família.

b) Quando a ver, dê o seguinte recado a ela: seu marido creu que se detivesse o animal, este não queria mais ficar com a família.

c) Quando a vir, dê o seguinte recado a ela: seu marido creu que se detivesse o animal, este não queria mais ficar com a família.

d) Quando a ver, dê o seguinte recado a ela: seu marido creou que se detesse o animal, este não queria mais ficar com a família.

e) Quando a vir, dê o seguinte recado a ela: seu marido creu que se detivesse o animal, este não queria mais ficar com a família.

5. Assinale a alternativa que contém a classificação do modo verbal, dos verbos grifados nas frases abaixo, respectivamente.

— Esse seu lado perverso, eu o conheço faz tempo.

— Anda logo, senão chegarás só amanhã.

— Se você chegar na hora, ganharemos um tempo precioso.

— Acabaríamos a tarefa hoje, se todos ajudassem.

a) indicativo – imperativo – subjuntivo – subjuntivo – indicativo – subjuntivo – indicativo

b) subjuntivo – indicativo – indicativo – subjuntivo – indicativo – subjuntivo – indicativo

c) subjuntivo – imperativo – indicativo – infinitivo – indicativo – subjuntivo – indicativo

d) indicativo – imperativo – indicativo – subjuntivo – indicativo – indicativo – subjuntivo

e) indicativo – subjuntivo – indicativo – subjuntivo – indicativo – subjuntivo – subjuntivo

6. Assinale a alternativa em que as formas verbais estão empregadas de acordo com a norma padrão da língua.

a) No ano passado, meus colegas ficaram em recuperação na escola. Se não estudarem com afinco, neste ano ficarão de novo.

b) Se você estivesse preparado, podia ter viajado com seus amigos.

c) Quando ele fazer aniversário, ganhará uma grande festa de seus pais.

d) É possível que essas caixas não caibam no armário. Se não caberem, deixe-as no chão.

e) Espero que você seja muito feliz.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
A MAÇÃ DE OURO

A Apple supera a Microsoft em valor de mercado, premiando o espírito visionário e libertário de Steve Jobs

12A Microsoft e a Apple vieram ao mundo praticamente ao mesmo tempo, em meados dos anos 1970, criadas na garagem de jovens estudantes. Mas as empresas não trilharam caminhos paralelos. A Microsoft desenvolveu o sistema operacional mais popular do mundo e rapidamente se tornou uma das maiores corporações americanas, rivalizando com gigantes da velha indústria. A Apple, ao contrário, demorou a decolar. 14Fazia produtos inovadores, mas que vendiam pouco. 4Isso começou a mudar quando Steve Jobs, um de seus fundadores, 6que fora afastado nos anos 80, assumiu o comando criativo da empresa, em 1996. 11A Apple estava à beira da falência e só ganhou sobrevida porque recebeu um 10aporte de 150 milhões de dólares de Microsoft. Jobs iniciou o lançamento de produtos 8genuinamente revolucionários nas áreas que mais crescem na indústria de tecnologia. Primeiro com o iPod

e a loja virtual iTunes. Depois vieram o iPhone e, agora, o iPad. Desde o início de 2005, o preço das ações da empresa foi multiplicado por oito. 3Na semana passada, a Apple alcançou o cume. 15Tornou-se a companhia de tecnologia mais valiosa do mundo, superando a Microsoft. 13Na sexta-feira, a empresa de Jobs tinha valor de mercado de 233 bilhões de dólares, contra 226 bilhões de dólares da companhia de Bill Gates.

2A Marca, para além da disputa pessoal entre os 7maiores gênios da nova economia, coroa a estratégia definida por Jobs. Quando ele retornou à Apple, tamanha era a descrença no futuro da empresa que Michael Dell, fundador da Dell, afirmou que o melhor a fazer era fechar as portas e devolver o dinheiro a 5seus acionistas. Hoje, a Dell vale um décimo da Apple. 10 mérito de Jobs foi ter a 9presciência do rumo que o mercado tomaria.

BARRUCHO, Luís Guilherme & TSUBOI, Larissa. A maçã de ouro. In: Revista Veja, 02 de jun. 2010, p.187. Adaptado.

7. Analise o período abaixo:

“A Apple estava à beira da falência e só ganhou sobrevida porque recebeu um aporte de 150 milhões de dólares da Microsoft.” (ref. 11)

Nele, pode-se afirmar que

a) a conjunção e estabelece, entre as orações coordenadas, um sentido adversativo.

b) a conjunção porque introduz ideia de causa à primeira oração do período.

c) há três orações, cujos núcleos são transitivos diretos.

d) o verbo receber possui somente objeto direto.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:
GATES E JOBS

Quando as órbitas se cruzam

7Em astronomia, quando as órbitas de duas estrelas se entrecruzam por causa da interação gravitacional, tem-se um sistema binário. Historicamente, ocorrem situações análogas quando uma era é moldada pela relação e rivalidade de dois grandes astros orbitando: Albert Einstein e Niels Bohr na física no século XX, por exemplo, ou Thomas Jefferson e Alexander Hamilton na condução inicial do governo americano. Nos primeiros trinta anos da era do computador pessoal, a partir do final dos anos 1970, o sistema estelar binário definidor foi composto por dois indivíduos de grande energia, que largaram os estudos na universidade, ambos nascidos em 1955.

Bill Gates e Steve Jobs, apesar das ambições semelhantes no ponto de convergência da tecnologia e dos negócios, 5tinham origens bastante diferentes e personalidades radicalmente distintas.

À diferença de Jobs, Gates entendia de programação e tinha uma mente mais prática, mais disciplinada e com grande capacidade de raciocínio analítico. Jobs era mais intuitivo, romântico, e dotado de mais instinto para tornar a tecnologia usável, o design agradável e as interfaces amigáveis. Com sua mania de perfeição, era extremamente exigente, além de administrar com carisma e intensidade indiscriminada. 3Gates era mais metódico; as reuniões para exame dos produtos tinham horário rígido, e ele chegava ao cerne das questões com uma habilidade ímpar. Jobs encarava as pessoas com uma intensidade cáustica e ardente; Gates às vezes não conseguia fazer contato visual, mas era essencialmente bondoso.

4“Cada qual se achava mais inteligente do que o outro, mas Steve em geral tratava Bill como alguém levemente inferior, sobretudo em questões de gosto e estilo”, diz Andy Hertzfeld. “Bill menosprezava Steve porque ele não sabia de fato programar.” Desde o começo da relação, 6Gates ficou fascinado por Jobs e com uma ligeira inveja de seu efeito hipnótico sobre as pessoas. Mas também o considerava “essencialmente esquisito” e “estranhamente falho como ser humano”, e se sentia desconcertado com a grosseria de Jobs e sua tendência a funcionar “ora no modo de dizer que você era um merda, ora no de tentar seduzi-lo”. Jobs, por sua vez, via em Gates uma estreiteza enervante.

2Suas diferenças de temperamento e personalidade Iiriam levá-los para lados opostos da linha fundamental de divisão na era digital. Jobs era um perfeccionista que adorava estar no controle e se comprazia com sua índole intransigente de artista; ele e a Apple se tornaram exemplos de uma estratégia digital que integrava solidamente o hardware, o software e o conteúdo numa unidade indissociável. Gates era um analista inteligente, calculista e pragmático dos negócios e da tecnologia; dispunha-se a licenciar o software e o sistema operacional da Microsoft para um grande número de fabricantes.

Depois de trinta anos, Gates desenvolveu um respeito relutante por Jobs. “De fato, ele nunca entendeu muito de tecnologia, mas tinha um instinto espantoso para saber o que funciona”, disse. Mas Jobs nunca retribuiu valorizando devidamente os pontos fortes de Gates. “Basicamente Bill é pouco imaginativo e nunca inventou nada, e é por isso que acho que ele se sente mais à vontade agora na filantropia do que na tecnologia”, disse Jobs, com pouca justiça. “Ele só pilhava despidoradamente as ideias dos outros.”

(ISAACSON, Walter. Steve Jobs: a biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 189-191. Adaptado)



vidadesuporte.com.br

8. Em relação ao texto, assinale a alternativa correta.

- O uso do presente do indicativo no subtítulo do texto se justifica por ser um presente histórico que exprime um fato passado como se fosse atual.
- Há no texto a predominância do pretérito imperfeito do indicativo para destacar a duração do fato passado exposto.
- O futuro do pretérito, na ref. 1, expressa incerteza a respeito de um fato já ocorrido por meio de um tempo composto.
- A reescrita ‘Suas diferenças de pensamento e personalidade levá-los-iam para lados opostos’ (ref. 2) atende à norma padrão da língua.

9. Sobre a tira acima, NÃO se pode afirmar que

- a fala de São Pedro corrobora as ideias expostas no texto.
- depreende-se um tom sarcástico nas falas dos dois interlocutores.
- os verbos foram flexionados no imperativo afirmativo de acordo com a norma padrão.
- a colocação do pronome pessoal oblíquo no segundo quadrinho é marca da linguagem coloquial brasileira.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
BRASIL E ÁFRICA SUBSAARIANA: PARCERIA
SUL-SUL PARA O CRESCIMENTO

Atualmente, Brasil e África vêm restabelecendo ligações que poderão ter efeitos importantes sobre a prosperidade e o desenvolvimento de ambos. Na última

década, a África tornou-se um continente de oportunidades, com tendências econômicas positivas e uma melhor governança.

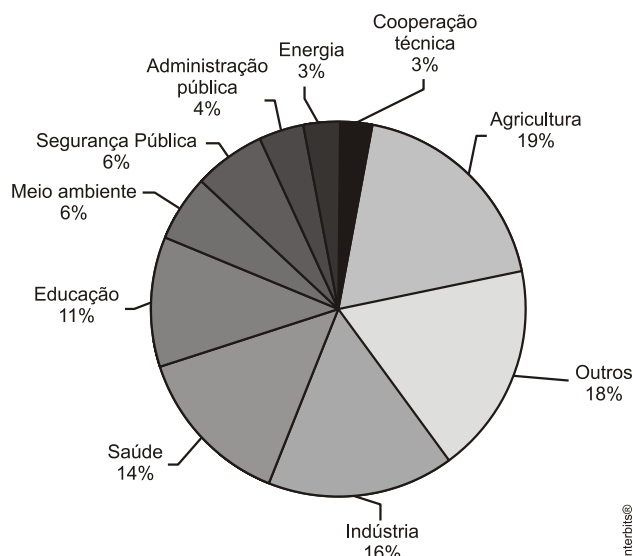
O crescimento de alguns países africanos, sua resistência às crises globais recentes e a implementação de reformas de políticas que fortaleceram os mercados e a governança democrática vêm expandindo o comércio e o investimento na região. Apesar dessa tendência positiva, muitos países africanos ainda enfrentam enormes gargalos de infraestrutura, são vulneráveis à mudança do clima e apresentam capacidade institucional deficiente. Conseqüentemente, a ajuda para o desenvolvimento continua sendo uma das principais fontes de apoio ao desenvolvimento em vários países do continente, de modo que a transferência e a troca de conhecimento ainda são necessidades prementes.

A partir do final século XX, a África se tornou um dos principais temas da agenda externa do Brasil, que tem demonstrado um interesse cada vez maior em apoiar e participar do desenvolvimento de um continente que se encontra em rápida transformação. A intensificação do engajamento do Brasil com a África não somente demonstra a ambição geopolítica e o interesse econômico do Brasil: os fortes laços históricos e a afinidade com a África diferenciam o Brasil dos demais membros originais do BRICs [grupo formado inicialmente por Brasil, Rússia, Índia e China e que incluiu depois a África do Sul].

O crescimento econômico do Brasil, sua atuação crescente no cenário mundial, o sucesso alcançado com a redução da desigualdade social e a experiência de desenvolvimento oferecem lições importantes para os países africanos que, dessa forma, buscam cada vez mais a cooperação, assistência técnica e investimentos do Brasil. Ao mesmo tempo, multinacionais brasileiras, organizações não governamentais e diversos grupos sociais passaram a incluir a África em seus planos. Em outras palavras, a nova África coincide com o Brasil global.

Complementando as fortes ligações históricas e culturais, a tecnologia brasileira parece ser de fácil adaptabilidade a muitos países africanos em razão das semelhanças geofísicas de solo e de clima. O sucesso recente do Brasil no plano social e econômico atraiu a atenção de muitos países de língua portuguesa com os quais o país possui ligações históricas.

Figura 1 - Principais áreas de atuação do Brasil em arranjos de cooperação com a África, 2009



No que se refere à diplomacia, o Brasil mantém atualmente 37 embaixadas na África, comparado a 17 em 2002, um incremento correspondido pelo aumento do número de embaixadas africanas no Brasil: desde 2003, 17 embaixadas foram abertas em Brasília, somando-se às 16 já existentes, o que representa a maior concentração de embaixadas no Hemisfério Sul.

Os países da África Subsaariana solicitam cooperação com o Brasil em cinco áreas principais: agricultura tropical; medicina tropical; ensino técnico (em apoio ao setor industrial); energia; e proteção social (figura 1). (Áreas de interesse relativamente menor incluem ensino superior, esportes e ação afirmativa.)

No que se refere à agricultura, a Empresa de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), em parceria com várias outras instituições brasileiras de pesquisa, atua com parceiros locais na implementação de projetos modelo em agricultura com o objetivo de reproduzir o sucesso alcançado no cerrado brasileiro – semelhante a alguns solos africanos – e aprimorar o desenvolvimento agrícola e o agronegócio na África.

Investimentos do setor privado brasileiro na África tiveram início nos anos 1980 e chegaram a tal ponto que atualmente as empresas brasileiras atuam em quase todas as regiões do continente, com atividades concentradas nas áreas de infraestrutura, energia e mineração. A presença do Brasil chama a atenção devido à forma como as empresas brasileiras realizam seus negócios; elas tendem a contratar mão de obra local para seus projetos, favorecendo o desenvolvimento de capacidades locais, o que acaba por elevar a qualidade dos serviços e produtos. Dado o ambiente de negócios favorável aos investimentos brasileiros na África, a Agência Brasileira de Exportação vem fomentando a presença de pequenas e médias empresas no continente, por meio de feiras de negócios, por exemplo. As tendências analisadas em

estudos internacionais indicam que o Brasil e a África desenvolvem, em conjunto, um modelo de relações Sul-Sul que pode ajudar a reunir os dois lados do Atlântico.

Embora as relações entre o Brasil e a África tenham se intensificado muito na última década, ainda existem desafios consideráveis. Em particular, existe um desconhecimento nos dois lados do Atlântico. A maioria dos brasileiros possui conhecimento limitado e normalmente desatualizado sobre a África; as poucas informações que têm, muitas vezes, se limitam a Angola, Moçambique e, às vezes, à África do Sul. A burocracia de ambos os lados atrasa o comércio marítimo que chega a levar 80 dias, em vez de 10. O Banco Mundial pode contribuir para a superação desses obstáculos, de modo a favorecer a ampliação do relacionamento entre a África e o Brasil e trazer benefícios adicionais para todos.

BANCO MUNDIAL/IPEA. Ponte sobre o Atlântico. Brasil e África Subsaariana: parceria Sul-Sul para o crescimento. Brasília: [s.n.], 2011. p. 1-8. (Adaptado).

- 10.** Com relação aos itens “poderão” (ref. 1), “parece” (ref. 2), “pode” (ref. 3), “poderia” (ref. 4), nota-se que
- a) eles apresentam um valor apenas estilístico e, por essa razão, poderiam ser suprimidos, sem prejuízo de sentido.
 - b) eles têm um valor expressivo e, por essa razão, poderiam ser suprimidos sem que se alterasse o sentido das frases onde ocorrem.
 - c) sua função é aumentar o grau de certeza dos enunciados, motivo pelo qual sua supressão acarretaria um prejuízo de sentido.
 - d) sua presença tem um valor modalizador, razão pela qual sua supressão alteraria o sentido das frases onde ocorrem.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Não era feio o lugar, mas não era belo. Tinha, entretanto, o aspecto tranquilo e satisfeito de quem se julga bem com a sua sorte.

A casa erguia-se sobre um socalco, uma espécie de degrau, formando a subida para a maior altura de uma pequena colina que lhe corria nos fundos. Em frente, por entre os bambus da cerca, olhava uma planície a morrer nas montanhas que se viam ao longe; um regato de águas paradas e sujas cortava-as paralelamente à testada da casa; mais adiante, o trem passava vincando a planície com a fita clara de sua linha campinada [...].

BARRETO, Lima. Triste fim de Policarpo Quaresma. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras. p.175.

- 11.** Com relação ao tempo narrativo, nota-se que a utilização do pretérito imperfeito
- a) aproxima o material narrado do universo contemporâneo do leitor.
 - b) confere ao texto um caráter dual, que oscila entre o lírico e o metafórico.

- c) faz com que o tempo da narrativa se distancie, até certo ponto, do tempo do leitor.
- d) torna o texto mais denso de significação, na medida em que institui lacunas temporais.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO: BOCAGE NO FUTEBOL

Quando eu tinha 3meus cinco, meus seis anos, morava, ao lado de minha casa, um garoto que era 2tido e havido como o anticristo da rua. Sua idade regulava com a minha. E 6justiça se lhe faça: — não havia palavrão que ele não praticasse. Eu, na minha candura pânica, vivia cercado de conselhos, por todos os lados: — “Não brinca com Fulano, que ele diz nome feio!”. E o Fulano assumia, aos meus olhos, as proporções feéricas de um Drácula, de um 1Nero de fita de cinema.

Mas o tempo passou. E acabei descobrindo que, afinal de contas, o anjo de boca suja estava com a razão. Sim, amigos: — cada nome feio que a vida extrai de nós é um estímulo vital irresistível. Por exemplo: — os nautas camonianos. Sem uma sólida, potente e jucunda pornografia, um Vasco da Gama, um Colombo, um Pedro Álvares Cabral não teriam sido almirantes nem de barca da Cantareira. O que os virilizava era o bom, o cálido, o inefável palavrão.

Mas, se nas relações humanas em geral, o nome feio produz esse impacto criador e libertário, que dizer do futebol? Eis a verdade: — retire-se a pornografia do futebol e nenhum jogo será possível. Como jogar ou como torcer se não podemos xingar ninguém? O craque ou o torcedor é um Bocage. Não o 4Bocage fidedigno, que nunca existiu. Para mim, o 5verdadeiro Bocage é o falso, isto é, o Bocage de anedota. Pois bem: — está para nascer um jogador ou um torcedor que não seja bocagiano. O craque brasileiro não sabe ganhar partidas sem o incentivo constante dos rijos e imortais palavrões da língua. Nós, de longe, vemos os 22 homens 7correndo em campo, matando-se, agonizando, rilhando os dentes. Parecem dopados e realmente o estão: — o chamado nome feio é o seu excitante eficaz, o seu afrodisíaco insuperável.

Nélson Rodrigues, À sombra das chuteiras imortais. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

- 12.** Tendo em vista o contexto, sobre os seguintes trechos, só NÃO é correto afirmar:
- a) “era tido e havido” (ref. 2): trata-se de uma repetição com valor enfático.
 - b) “meus cinco, meus seis anos” (ref. 3): expressa ideia de aproximação.
 - c) “Bocage fidedigno” / “verdadeiro Bocage” (ref. 4 e 5): embora sinônimos, os adjetivos foram usados com sentidos diferentes.
 - d) “justiça se lhe faça” (ref. 6): pode ser considerada uma construção na voz passiva sintética.

e) “correndo (...), matando-se, agonizando, rilhando” (ref. 7): apenas o primeiro gerúndio dá ideia de continuidade.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

V – O samba

À direita do terreiro, adombra-se* na escuridão um maciço de construções, ao qual às vezes recortam no azul do céu os trêmulos vislumbres das labaredas fustigadas pelo vento.

(...)

É aí o quartel ou quadrado da fazenda, nome que tem um grande pátio cercado de senzalas, às vezes com alpendrada corrida em volta, e um ou dois portões que o fecham como praça d’armas.

Em torno da fogueira, já esbarrondada pelo chão, que ela cobriu de brasido e cinzas, dançam os pretos o samba com um frenesi que toca o delírio. Não se descreve, nem se imagina esse desesperado saracoteio, no qual todo o corpo estremece, pula, sacode, gira, bamboleia, como se quisesse desgrudar-se.

Tudo salta, até os crioulinhos que esperneiam no cangote das mãos, ou se enrolam nas saias das raparigas. Os mais taludos viram cambalhotas e pincham à guisa de sapos em roda do terreiro. Um desses corta jaca no espinhaço do pai, negro fornido, que não sabendo mais como desconjuntar-se, atirou consigo ao chão e começou de rabanar como um peixe em seco. (...)

José de Alencar, Til.

(*) “adombra-se” = delinea-se, esboça-se.

13. Na composição do texto, foram usados, reiteradamente,

- I. sujeitos pospostos;
- II. termos que intensificam a ideia de movimento;
- III. verbos no presente histórico.

Está correto o que se indica em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) I, II e III.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Inocência

Depois das explicações dadas ao seu hóspede, sentiu-se o mineiro mais despreocupado.

— Então, disse ele, se quiser, vamos já ver a nossa doentinha.

— Com muito gosto, concordou Cirino.

E, saindo da sala, acompanhou Pereira, que o fez passar por duas cercas e rodear a casa toda, antes de tomar a

porta do fundo, fronteira a magnífico laranjal, naquela ocasião todo pontuado das brancas e olorosas flores.

1— Neste lugar, disse o mineiro apontando para o pomar, todos os dias se juntam tamanhos bandos de graúnas, que é um barulho dos meus pecados. Nocência gosta muito disso e vem sempre coser debaixo do arvoredado. É uma menina esquisita...

Parando no limiar da porta, continuou com expansão:

2— Nem o Sr. imagina... Às vezes, aquela criança tem lembranças e perguntas que me fazem embatucar... Aqui, havia um livro de horas da minha defunta avó... Pois não é que 3um belo dia ela me pediu que lhe ensinasse a ler? ... Que ideia! Ainda há pouco tempo me disse que quisera ter nascido princesa... Eu lhe retruquei: E sabe você o que é ser princesa? Sei, me secundou ela com toda a clareza, é uma moça muito boa, muito bonita, que tem uma coroa de diamantes na cabeça, muitos lavrados no pescoço e que manda nos homens... Fiquei meio tonto. 4E se o Sr. visse os modos que tem com os bichinhos?! ... Parece que está falando com eles e que os entende... (...) Quando Cirino penetrou no quarto da filha do mineiro, era quase noite, de maneira que, no primeiro olhar que atirou ao redor de si, só pôde lobrigar, além de diversos trastes de formas antiquadas, uma dessas camas, muito em uso no interior; altas e largas, feitas de tiras de couro engradadas. (...)

Mandara Pereira acender uma vela de sebo. Vinda a luz, aproximaram-se ambos do leito da enferma que, achegando ao corpo e puxando para debaixo do queixo uma coberta de algodão de Minas, se encolheu toda, e voltou-se para os que entravam.

— Está aqui o doutor, disse-lhe Pereira, que vem curar-te de vez.

— Boas noites, dona, saudou Cirino.

Tímida voz murmurou uma resposta, ao passo que o jovem, no seu papel de médico, se sentava num escabelo junto à cama e tomava o pulso à doente.

Caía então luz de chapa sobre ela, iluminando-lhe o rosto, parte do colo e da cabeça, coberta por um lenço vermelho atado por trás da nuca.

Apesar de bastante descorada e um tanto magra, era Inocência de beleza deslumbrante.

Do seu rosto, irradiava singela expressão de encantadora ingenuidade, realçada pela meiguice do olhar sereno que, a custo, parecia coar por entre os cílios sedosos a franjar-lhe as pálpebras, e compridos a ponto de projetarem sombras nas mimosas faces.

Era o nariz fino, um bocadinho arqueado; a boca pequena, e o queixo admiravelmente torneado.

Ao erguer a cabeça para tirar o braço de sob o lençol, descera um nada a camisinha de crivo que vestia, deixando nu um colo de fascinadora alvura, em que ressaltava um ou outro sinal de nascença.

Razões de sobra tinha, pois, o pretenso facultativo para sentir a mão fria e um tanto incerta, e não poder atinar com o pulso de tão gentil cliente.

VISCONDE DE TAUNAY

Inocência. São Paulo: Ática, 2011.

graúna – pássaro de plumagem negra, canto melodioso e hábitos eminentemente sociais
livro de horas – livro de preces
secundou – respondeu
lavrados – na província de Mato Grosso, colares de contas de ouro e adornos de ouro e prata
lobrigar – enxergar
escabelo – assento
facultativo – médico

14. um belo dia ela me pediu que lhe ensinasse a ler?... (ref. 3)
E se o Sr. visse os modos que tem com os bichinhos?! ... (ref. 4)

As formas verbais sublinhadas estão empregadas nos mesmos tempo e modo gramaticais, mas diferem pelo efeito de sentido que produzem.
Identifique o tempo e modo gramaticais comuns a essas formas e aponte aquela em que não há expressão de tempo, e sim de uma hipótese.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
Tempo: cada vez mais acelerado

Pressa. Ansiedade. E a sensação de que nunca é possível fazer tudo — além da certeza de que sua vida está passando rápido demais. Essas são as principais consequências de vivermos num mundo em que para tudo vale a regra do “quanto mais rápido, melhor”. “Para nós, ocidentais, o tempo é linear e nunca volta. Por isso queremos ter a sensação de que estamos tirando o máximo dele. E a única solução que encontramos é acelerá-lo”, afirma Carl Honoré. “É um equívoco. A resposta a esse dilema é qualidade, não quantidade.”

Para James Gleick, Carl está lutando uma batalha invencível. “A aceleração é uma escolha que fizemos. Somos como crianças descendo uma ladeira de skate. Gostamos da brincadeira, queremos mais velocidade”, diz. O problema é que nem tudo ao nosso redor consegue atender à demanda. Os carros podem estar mais rápidos, mas as viagens demoram cada vez mais por culpa dos congestionamentos. Semáforos vermelhos continuam testando nossa paciência, obrigando-nos a frear a cada quarteirão. 1Mais sorte têm os pedestres, que podem apertar o botão que aciona o sinal verde — uma ótima opção para despejar a ansiedade, mas com efeito muitas vezes nulo. Em Nova York, esses sistemas estão desligados desde a década de 1980. Mesmo assim, milhares de pessoas o utilizam diariamente.

É um exemplo do que especialistas chamam de “botões de aceleração”. Na teoria, deixam as coisas mais rápidas. Na prática, servem para ser apertados e só. Confesse: que raios fazemos com os dois segundos, no máximo, que economizamos ao acionar aquelas teclas que fecham a porta do elevador? E quem disse que apertá-las, duas, quatro, dez vezes, vai melhorar a eficiência?

Elevadores, aliás, são ícones da pressa em tempos velozes. Os primeiros modelos se moviam a vinte centímetros por segundo. Hoje, o mais veloz sobe doze metros por segundo. E, mesmo acelerando, estão entre os maiores focos de impaciência. Engenheiros são obrigados a desenvolver sistemas para conter nossa irritação, como luzes ou alarmes cuja única função é aplacar a ansiedade da espera. Até onde isso vai?

SÉRGIO GWERCMAN
Adaptado de <super.abril.com.br>.

15. O autor do texto aborda uma situação que diz respeito a toda a sociedade, envolvendo tanto ele como o leitor.
Nomeie a marca linguística empregada para indicar a inclusão do autor e dos seus leitores na situação. Em seguida, transcreva um trecho que exemplifique sua resposta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhado abaixo. Em um sarau todo o mundo tem que fazer. O diplomata ajusta, com um copo de champagne na mão, os mais intrincados negócios; todos murmuram, e não há quem deixe de ser murmurado. O velho lembra-se dos minuetes e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época; as moças são no sarau como as estrelas no céu; estão no seu elemento: aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos, por entre os quais surge, às vezes, um bravíssimo inopinado, que solta de lá da sala do jogo o parceiro que acaba de ganhar sua partida no écarté, mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente, desafinando um sustenido; daí a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala e marchando em seu passeio, mais a compasso que qualquer de nossos batalhões da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que conversam sempre sobre objetos inocentes que movem olhaduras e risadinhas apreciáveis. Outras criticam de uma gorducha vovó, que ensaca nos bolsos meia bandeja de doces que veio para o chá, e que ela leva aos pequenos que, diz, lhe ficaram em casa. Ali vê-se um ataviado dandy que dirige mil finezas a uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá, que senta-se ao lado. Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem boca, porque, para alguns é regra, durante ele, pensar pelos pés e falar pelos olhos.

E o mais é que nós estamos num sarau. Inúmeros batéis conduziram da corte para a ilha de... senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualidades; alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto.

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam para ver qual delas vence em graças, encantos e donaires, certo sobrepuja a travessa Moreninha, princesa daquela festa.

(Joaquim Manuel de Macedo. A Moreninha, 1997.)

16. Assinale a alternativa em que a eliminação do pronome em destaque implica, contextualmente, mudança do sujeito do verbo.

- a) Ali vê-se um ataviado dandy [...].
- b) [...] aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos [...].
- c) O velho lembra-se dos minuetes e das cantigas do seu tempo [...].
- d) [...] mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente [...].
- e) [...] daí a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala [...].

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Conversar pressupõe um diálogo produtivo entre as pessoas. Significa dizer que conversar é um processo cooperativo entre interlocutores.

Leia o texto abaixo, que representa uma conversa.



(QUINO. *Toda a Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993)

17. No trecho “a gente pode ter conversas literárias”, substituindo-se o sujeito por outro de primeira pessoa do plural, no tempo pretérito perfeito, o resultado é o seguinte:

- a) podemos ter conversas literárias.
- b) podíamos ter conversas literárias.
- c) poderíamos ter conversas literárias.
- d) pudemos ter conversas literárias.
- e) pudéssemos ter conversas literárias.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Esse texto do século XVI reflete um momento de expansão portuguesa por vias marítimas, o que demandava a apropriação de alguns gêneros discursivos, dentre os quais a carta. Um exemplo dessa produção é a Carta de Caminha a D. Manuel. Considere a seguinte parte dessa carta:

Nela [na terra] até agora não pudemos saber que haja ouro nem prata... porém a terra em si é de muito bons

ares assim frios e temperados como os de Entre-Doiro-e-Minho. Águas são muitas e infindas. E em tal maneira é graciosa que querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem, porém o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar esta gente e esta deve ser a principal semente que vossa alteza em ela deve lançar.

18. O verbo sob destaque no trecho – ...até agora não pudemos saber que haja ouro nem prata... – sinaliza a seguinte intenção do escrevente:

- a) por meio do modo subjuntivo, evidenciar uma constatação.
- b) por meio do modo subjuntivo, evidenciar uma insatisfação.
- c) por meio do modo subjuntivo, evidenciar uma incerteza.
- d) por meio do modo indicativo, evidenciar uma convicção.
- e) por meio do modo indicativo, evidenciar uma hipótese.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Buscando a excelência

Lya Luft

Estamos carentes de excelência. A mediocridade reina, assustadora, implacável e persistentemente. Autoridades, altos cargos, líderes, em boa parte desinformados, desinteressados, incultos, lamentáveis. Alunos que saem do ensino médio semianalfabetos e assim entram nas universidades, que aos poucos – refiro-me às públicas – vão se tornando reduto de pobreza intelectual.

As infelizes cotas, contras as quais tenho escrito e às quais me oponho desde sempre, servem magnificamente para alcançarmos este objetivo: a mediocrização também do ensino superior. Alunos que não conseguem raciocinar porque não lhes foi ensinado, numa educação de brincadeira. E, porque não sabem ler nem escrever direito e com naturalidade, não conseguem expor em letra ou fala seu pensamento truncado e pobre. [...] E as cotas roubam a dignidade daqueles que deveriam ter acesso ao ensino superior por mérito [...] Meu conceito serve para cotas raciais também: não é pela raça ou cor, sobretudo autodeclarada, que um jovem deve conseguir diploma superior, mas por seu esforço e capacidade. [...]

Em suma, parece que trabalhamos para facilitar as coisas aos jovens, em lugar de educá-los com e para o trabalho, zelo, esforço, busca de mérito, uso da própria capacidade e talento, já entre as crianças. O ensino nas últimas décadas aprimorou-se em fazer os pequenos aprender brincando. Isso pode ser bom para os bem pequenos, mas já na escola elementar, em seus primeiros anos, é bom alertar, com afeto e alegria, para o fato de que a vida não é só brincadeira, que lazer e divertimento são necessários até à saúde, mas que a escola é também preparação para

uma vida profissional futura, na qual haverá disciplina e limites – que aliás deveriam existir em casa, ainda que amorosos.

Muitos dirão que não estou sendo simpática. Não escrevo para ser agradável, mas para partilhar com meus leitores preocupações sobre este país com suas maravilhas e suas mazelas, num momento fundamental em que, em meio a greves, justas ou desatinadas, [...] se delinea com grande inteligência e precisão a possibilidade de serem punidos aqueles que não apenas prejudicaram monetariamente o país, mas corroeram sua moral, e a dignidade de milhões de brasileiros. Está sendo um momento de excelência que nos devolve ânimo e esperança.

(Fonte: Revista Veja, de 26.09.2012. Adaptado).

19. (G1 - ifsp 2013) Assinale a alternativa em que se apresenta o emprego da voz passiva analítica.

- a) (...) a possibilidade de serem punidos aqueles que não apenas prejudicaram monetariamente o país (...).
- b) Estamos carentes de excelência.
- c) (...) as universidades, que aos poucos (...) vão se tornando reduto de pobreza intelectual.
- d) (...) não conseguem expor em letra ou fala seu pensamento truncado e pobre.
- e) (...) parece que trabalhamos para facilitar as coisas aos jovens (...).

20. Com mais de 50 anos de escrevinhação nas costas, descobri algumas ideias que muita gente faz da vida de um escritor. Por exemplo, tem quem ache que os escritores, notadamente entre eles mesmos, só falam difícil, uma proparoxítona para abrir, uma mesóclise para dar classe e um tetrassílabo para arrematar. "Em teu parecer, meu impertérrito amigo", perguntaria eu ao Rubem Fonseca, durante nosso almoço periódico, "abater-se-á hoje, sobre a nossa urbe, uma formidanda intempérie?" Ao que o Zé Rubem reagiria com uma anástrofe, um mais-que-perfeito fazendo as vezes do imperfeito do subjuntivo e uma aliteração final show de bola, coisa de craque mesmo. "Augure do tempo fora eu, pressagiá-lo-ia libentíssimamente", responderia ele. "Todavia, de tal não me trato." E assim iríamos almoço afora, discutindo elevadíssimos assuntos, em linguagem só compreensível por indivíduos especiais.

João Ubaldo Ribeiro, O Estado de São Paulo, 03/07/2011.

Ao comentar a suposta sofisticação presente nas falas dos escritores, João Ubaldo Ribeiro faz menção a vários fenômenos de linguagem. A respeito deles, está correto o que se afirma em:

a) Os tetrassílabos ocorrem quando as palavras contêm um grupo de duas letras que representam um único fonema.

b) A mesóclise, exemplificada em formas como "abater-se-á", é uma construção que determina a colocação do pronome em relação ao verbo.

c) A anástrofe consiste em estabelecer a concordância ideológica, isto é, de acordo com a ideia e não com as palavras que efetivamente aparecem na oração.

d) O pretérito mais que perfeito e o imperfeito do subjuntivo expressam um processo verbal indicativo de exortação e advertência.

e) A aliteração, empregada pelo autor em "libentíssimamente", exprime o auge da intensificação de uma qualidade.

21. TEXTO II

Ele está cansado, é quase meia-noite, e pode afinal voltar para casa. (...). No edifício da esquina, o mesmo cachorro de focinho enterrado na lata de lixo. Ao passar sob as árvores, ao menor arrepio do vento, gotas borrifam-lhe o rosto, que ele não se incomoda de enxugar.

Ao mexer no portão, o cachorrinho late duas vezes – estou aqui, meu velho – e, lpor mais que saltite ao seu lado, procurando alcançar-lhe a mão, ele não o agrada. (...)

Prevenido, desvia-se do aquário sobre o piano: o peixinho dourado conhece os seus passos e de puro exibicionismo entrega-se às mais loucas evoluções.

Ele respira fundo e, cabisbaixo, entra no quarto. 2A mulher, sentada na cama, a folhear sempre uma revista (é a mesma revista antiga), olha para ele, mas ele não a olha.

No banheiro, veste em surdina o pijama e, ao lavar as mãos, recolhe da pia os longos cabelos alheios. Escova de leve os dentes, sem evitar que sangrem as gengivas.

– Ai, como é triste a velhice... – confessa para o espelho, e são palavras que não querem dizer nada.

Aperta as torneiras da pia, do chuveiro e do bidê – se uma delas pingasse ele já não poderia dormir.

Na passagem, apanha o livro sobre o guarda-roupa – ele a olhou de relance, mas ela não o olhou – e dirige-se para a sala, onde acende a lâmpada ao lado da poltrona. Em seguida, descalço, sobe na cadeira e com a chave dá corda ao relógio. Entra na cozinha e, ao abrir a luz, pretende não ver a mesma barata na sua corrida tonta pelos cantos. Deita um jarro d'água no filtro e bebe meio copo, que enxuga no pano e põe de volta no armário.

Antes de sentar na poltrona, detém-se diante do quarto da filha – a porta está aberta, mas ele não entra. Esboça um aceno e presto encolhe a mão. Por mais que afine o ouvido não escuta o bafejo da criança em sossego – e se ela deixou de respirar?

(...) Abre o livro e concentra-se na leitura: frases sem nenhum sentido.

Na casa silenciosa, apenas o voltrear das folhas lá no quarto, às suas costas o peixinho estala o bico a modo de um velho que ruma a dentadura. Por vezes, cansado demais, cabeceia e o livro cai-lhe no joelho – enquanto não se apaga a luz do quarto ele não vai deitar.

(...)

Está salvo desde que ignore a porta do quarto da filha; ergue, com esforço, as pálpebras pesadas de sono e lê mais algumas linhas, evitando levar a mão ao rosto, onde um músculo dispara de repente a tremer no canto da boca. (...)

Ao extinguir-se enfim a outra luz, ele deixa passar alguns minutos e, arrastando os pés no tapete, recolhe-se ao quarto, acende a lâmpada do seu criado-mudo, com cautela infinita para não encarar a esposa que, voltada para o seu lado, pode estar com um olho aberto ou, quem sabe, até com um sorriso nos lábios. (...)

Será uma grande demora até que na rua clarinem* as primeiras buzinas – os galos da cidade. (...) Prepara-se para a noite em que há de entrar numa casa deserta e, ao abrir a porta, assobiará duas notas, uma breve, outra longa: todos os quartos vazios, o assobio é para a sua alma irmã, a baratinha no canto escuro.

(...)

Longe vai a manhã, mas resta-lhe o consolo de que, ao saltar do leito, esquecerá entre os lençóis o fantasma do seu terror noturno. Outra vez ergue-se no quarto o ressonar tranquilo da esposa; cuidadoso de não ranger o colchão, ele volta-se para o outro lado. Pouco importa se nunca mais chegar a dormir. Afinal você não pode ter tudo.

DALTON TREVISAN

A guerra conjugal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

* Clarinem - soem como clarim

Nos trechos transcritos a seguir, estão sublinhados dois verbos que podem ser usados com variação da regência: transitivo direto ou transitivo indireto. A variação da regência altera o sentido do verbo “agradar”: fazer agradados ou ser agradável. Já o verbo “olhar” expressa o mesmo sentido nos dois casos.

por mais que saltite ao seu lado, procurando alcançar-lhe a mão, ele não o agrada. (ref. 1)

A mulher, sentada na cama, (...) olha para ele, mas ele não a olha. (ref. 2)

Identifique, no primeiro trecho, a regência do verbo “agradar” e o sentido em que ele foi empregado.

Em seguida, reescreva o segundo trecho, variando a regência do verbo “olhar” em cada ocorrência.

22. Leia este aviso, comum em vários lugares públicos:



SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO FILMADO!

Interbits®

a) As pessoas que não gostam de ser filmadas prefeririam uma mensagem que dissesse o contrário. Para atender a

essas pessoas, reescreva o aviso, usando a primeira pessoa do plural e fazendo as modificações necessárias.

b) Criou-se, recentemente, a palavra “gerundismo”, para designar o uso abusivo do gerúndio. Na sua opinião, esse tipo de desvio ocorre no aviso acima? Explique.

23. O texto abaixo é parte de uma campanha promovida pela ANER (Associação Nacional de Editores de Revistas).

Surfamos a Internet, Nadamos em revistas

A Internet empolga. Revistas envolvem.

A Internet agarra. Revistas abraçam.

A Internet é passageira. Revistas são permanentes.

E essas duas mídias estão crescendo.

Um dado que passou quase despercebido em meio ao barulho da Internet foi o fato de que a circulação de revistas aumentou nos últimos cinco anos. Mesmo na era da Internet, o apelo das revistas segue crescendo. Pense nisto: o Google existe há 12 anos. Durante esse período, o número de títulos de revistas no Brasil cresceu 234%. Isso demonstra que uma mídia nova não substitui uma mídia que já existe. Uma mídia estabelecida tem a capacidade de seguir prosperando, ao oferecer uma experiência única. É por isso que as pessoas não deixam de nadar só porque gostam de surfar.

(Adaptado de Imprensa, n. 267, maio 2011, p. 17.)

a) O verbo surfar pode ser usado como transitivo ou intransitivo. Exemplifique cada um desses usos com enunciados que aparecem no texto da campanha. Indique, justificando, em qual desses usos o verbo assume um sentido necessariamente figurado.

b) Que relação pode ser estabelecida entre o título da campanha e o trecho reproduzido a seguir? Como essa relação é sustentada dentro da campanha?

A Internet empolga. Revistas envolvem.

A Internet agarra. Revistas abraçam.

A Internet é passageira. Revistas são permanentes.

24. Preencha as lacunas das frases com uma das alternativas sugeridas entre parênteses, considerando a norma padrão da língua portuguesa.

– Quase sempre ela saía _____, mas desta vez preferiu não aceitar o convite. (com nós, conosco)

– Se você _____ ao chefe uma promoção, certamente seria atendido. (requeresses, requisesse)

– Cuide para que todas as peças do vestuário _____ em ordem, nos respectivos armários. (estejam, estejam)

– Meu pai, _____ pouco se esperava, foi o primeiro a concordar com a proposta de partilha. (a quem, de quem)

A sequência correta, de cima para baixo, é:

a) conosco - requeresses - estejam – a quem

b) com nós - requisesse - estejam – de quem

c) com nós - requeresses - estejam – a quem

d) conosco - requisisse - estejam – de quem

25. TEXTO I

Fora Leonardo algibebe em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia [...] desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rechonchuda e bonita. [...] Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enojos: foram os dois morar juntos; e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprimento, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.

ALMEIDA, M. A. Memórias de um Sargento de Milícias. 3. ed. São Paulo: FTD, 1996. p. 16-17.

TEXTO II

Mandara Pereira acender uma vela de sebo. Vinda a luz, aproximaram-se ambos do leito da enferma que, achegando ao corpo e puxando para debaixo do queixo uma coberta de algodão de Minas, se encolheu toda, e voltou-se para os que entravam.

– Está aqui o doutor, disse-lhe Pereira, que vem curar-te de vez.

– Boas-noites, dona, saudou Cirino.

Tímida voz murmurou uma resposta, ao passo que o jovem, no seu papel de médico, se sentava num escabelo junto à cama e tomava o pulso à doente.

Caía então luz de chapa sobre ela, iluminando-lhe o rosto, parte do colo e da cabeça, coberta por um lenço vermelho atado por trás da nuca.

Apesar de bastante descorada e um tanto magra, era Inocência de beleza deslumbrante.

Do seu rosto irradiava singela expressão de encantadora ingenuidade, realçada pela meiguice do olhar sereno que, a custo, parecia coar por entre os cílios sedosos a franjar-lhe as pálpebras, e compridos a ponto de projetarem sombras nas mimosas faces.

[...]

Ligeiramente enrubescou Inocência e descansou a cabeça no travesseiro.

– Por que amarrou esse lenço? perguntou em seguida o moço.

– Por nada, respondeu ela com acanhamento.

– Sente dor de cabeça?

– Nhor-não.

– Tire-o, pois: convém não chamar o sangue; solte, pelo contrário, os cabelos.

Inocência obedeceu e descobriu uma espessa cabeleira, negra como o âmago da cabiúna e que em liberdade devia cair até abaixo da cintura. Estava enrolado em bastas tranças, que davam duas voltas inteiras ao redor do cocoruto.

[...]

Não se descuidou Cirino, antes de se retirar, de novamente tomar o pulso e, à conta de procurar a artéria, assentou toda a mão no punho da donzela, envolvendo-lhe o braço e apertando-o docemente.

Saiu-se mal de tudo isso; porque, se tratava da cura de alguém, para si arranjava enfermidade e bem grave.

TAUNAY, A. d'E. Inocência. 3. ed. São Paulo: FTD, 1996. p. 57-58; 72.

Quanto aos fatos gramaticais, marque a(s) proposição(ões) CORRETA(S) relativamente aos textos acima.

01) A forma verbal “vemos” (ref. 1), no presente do indicativo, provoca um efeito de proximidade entre o escritor e o leitor. É como se, no ato da leitura, leitor e escritor estivessem juntos a observar os eventos da história.

02) O uso do pretérito imperfeito do subjuntivo em “como se já esperasse por aquilo” (ref. 2) confere ao evento um grau de certeza maior do que se conseguiria com o uso do pretérito imperfeito do indicativo – “como já esperava por aquilo”.

04) Em “estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos” (ref. 3), a forma “sê-lo” é uma combinação do verbo ser com o pronome oblíquo átono “o”, o qual se refere a “amantes”.

08) No texto II, na descrição de Inocência (§ 6 e 7) o autor utiliza alguns verbos no pretérito imperfeito (era, irradiava, parecia), os quais poderiam ser conjugados no pretérito perfeito (foi, irradiou, pareceu) sem que isso implicasse mudança de sentido.

16) A forma verbal “mandara” (ref. 4) corresponde à terceira pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo do verbo mandar e equivale a tinha mandado.

26. A sentença “Ele anda ouvindo música” pode ser interpretada de duas formas: a) ele ouve música enquanto caminha – neste caso, o verbo “andar” funciona como verbo pleno, significando “caminhar”; b) a atividade de ele ouvir música tem se repetido ultimamente – neste caso, o verbo “andar” se esvazia de seu sentido pleno e funciona como elemento gramatical, um auxiliar. Podemos identificar no português outros verbos que podem ter esses dois usos: um com seu sentido lexical pleno e outro funcionando como elemento gramatical. Tendo isso em vista, considere os conjuntos de sentenças abaixo:

1. Ele chegou na festa e bagunçou o tempo todo.
Ele chegou a interferir no processo, mas foi neutralizado.

2. Ela está querendo comer camarão.
Ela está querendo ficar doente.

3. O que ela fez com a faca que estava no chão? Ela pegou e guardou na gaveta.
Como ele agiu quando se deparou com o grupo? Ah, ele pegou e foi batendo em todo mundo.

4. Todos trabalham pela causa.
Eles trabalham vendendo computadores.

Em qualquer caso, independente do contexto, o verbo grifado pode ser interpretado com sentido lexical pleno em ambas as ocorrências:

- a) do conjunto 3 apenas.
- b) do conjunto 4 apenas.
- c) dos conjuntos 1 e 4 apenas.
- d) dos conjuntos 1 e 2 apenas.
- e) dos conjuntos 2, 3 e 4 apenas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
RECEITA DE MULHER

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de
[haute couture*
Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize elegantemente em azul,
[como na República Popular Chinesa).
Não há meio-termo possível. É preciso
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas

[pousada e que um rosto
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no
[terceiro minuto da aurora.

Vinicius de Moraes.

* “haute couture”: alta costura.

27. Tendo em vista o contexto, o modo verbal predominante no excerto e a razão desse uso são:

- a) indicativo; expressar verdades universais.
- b) imperativo; traduzir ordens ou exortações.
- c) subjuntivo; indicar vontade ou desejo.
- d) indicativo; relacionar ações habituais.
- e) subjuntivo; sugerir condições hipotéticas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
A última romântica

Cigarros, isqueiros, copos com drinques coloridos, garrafas vazias - de vodca, do licor de coco Malibu... Às flores, velas, retratos e mensagens de praxe os fãs acrescentaram em frente à casa de Amy Winehouse esses objetos que dão prazer, podem viciar e fazem mal à saúde. Para além da homenagem, era uma forma de participar do universo de excessos da cantora.

É curioso o apelo de Amy num mundo conservador, cada vez mais antitabagista e alerta para os riscos das drogas - um mundo onde vamos sendo ensinados a comprar produtos sem gordura trans e onde até as garotas de esquerda consomem horas dentro da academia.

Numa época em que as pessoas são estimuladas a abdicar de certos prazeres na expectativa de durar bastante, simplesmente para durar, Winehouse fez o roteiro oposto - intenso, autodestrutivo, suicida.

Sob o aspecto clínico, era uma viciada grave, necessitando desesperadamente da ajuda que insistia em recusar. Uma de suas canções mais famosas trata exatamente disso.

Amy foi presa fácil do jornalismo de celebridades, voltado à escandalização da intimidade dos famosos (quanto pior, melhor). Foi também, num tempo improvável, a herdeira de Janis Joplin, morta aos 27 em 1970, e de Billie Holiday, morta aos 44, em 1959, ambas por overdose.

Como suas antecessoras, Amy leva ao extremo o éthos romântico - do artista que vive em conflito permanente e se rebela contra o curso prosaico e besta do mundo. Na sua figura atormentada e em constante desajuste, o autoflagelo quase sempre se confunde com o ódio às coisas que funcionam. Numa cultura inteiramente colonizada pelo dinheiro e que convida à idolatria, fazer sucesso parecia uma espécie de vexame e de vileza, o supremo fiasco existencial, contra o qual era preciso se resguardar.

Nisso Amy evoca os gênios do romantismo tardio - Lautréamont, Rimbaud e outros poetas do inferno humano, que tinham plena consciência da vergonha de dar certo.

(SILVA, Fernando de Barros e. Folha de São Paulo, 26/07/2011)

28. Se a frase “Nisso Amy evoca os gênios do romantismo tardio” for reescrita na voz passiva analítica, a forma verbal correta será

- a) são evocados.
- b) evocam-se.
- c) foram evocados.
- d) tinham evocado.
- e) eram evocados.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

PARA IMPRESSIONAR
O que fará os altos executivos prestarem atenção em você

SEJA AUTÊNTICO: evite as respostas ensaiadas. Verbalize o que é coerente com as decisões que tomou ao longo da vida e com sua experiência profissional.

EXIBA SUA VONTADE: demonstre que está no processo porque realmente quer fazer parte da companhia, e não está lá apenas para cumprir tabela. Antes, é preciso estudar o que faz a empresa e como é trabalhar nela.

CONTE DAS SUAS EXPERIÊNCIAS PESSOAIS: aquela viagem a um lugar exótico ou a ação de voluntariado que você faz aos sábados conta muito dos seus valores e de qualidades como capacidade de doação, liderança e perseverança.

Interbits®

CARA A CARA COM QUEM DECIDE. *Exame*, São Paulo, ano 75, n. 5, ed. 998, 24 ago. 2011. Caderno Especial *Trainee* (Adaptado).

29. Com base no texto acima,

- a) Identifique o interlocutor do texto citado.
- b) Há nesse texto a predominância de verbos no imperativo. Qual é o sentido que o uso desse modo verbal se dá no texto?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



Disponível em: <www.terra.com.br/revistaplaneta/edicoes/465/artigo220627-1.htm>

Acesso em: 14 jul. 2011. [Adaptado]

30. A figura é uma capa da revista Planeta. Em sua chamada principal, cujo tema é o crescimento populacional,

- a) o emprego dos tempos verbais presente e futuro estabelece uma relação de projeção entre a realidade atual e os desafios a serem enfrentados.
- b) os termos “água”, “ar” e “combustíveis” mantêm uma relação de sinonímia com a expressão “recursos naturais”.
- c) os termos “estudos” e “desafios” mantêm uma relação de oposição com o conteúdo probabilístico da matéria.
- d) o emprego dos verbos nascer e ser, no tempo futuro, estabelece uma relação de contradição com a afirmativa “Somos 7 bilhões”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para compreender a dinâmica urbana do Brasil de hoje é indispensável analisar a crise social que se abate sobre as nossas cidades, com suas mudanças, conflitos e contradições. Como uma contribuição a essa análise, o presente texto procura discutir como as transformações associadas à globalização e à reestruturação produtiva implementada desde a última década de 90 têm impactado sobre as principais regiões metropolitanas brasileiras, afetando as condições de vida da população. Dando início a essa discussão, vale ressaltar como a dinâmica da globalização vem produzindo mudanças bastante significativas em termos socioeconômicos e espaciais. Como diversos autores têm assinalado, o desenvolvimento espetacular de técnicas que comprimem o tempo e quase eliminam a distância, a crescente financeirização da riqueza e outras características atuais da expansão capitalista, nos marcos da denominada “produção flexível”, viabilizam a constituição de um espaço mundial de acumulação (SANTOS, 1999; VELTZ, 1996; ALONSO, 2000; 15 – MATTOS, 2004). Constituiu-se um território em rede, radicalmente distinto do anterior, onde cidades, polos e regiões transformaram-se em pontos e nós dos fluxos de uma rede imensa e articulada, que se superpõem às fronteiras entre diversos países, transformando-os em espaços nacionais da economia internacional, em que grandes empresas valorizam seus capitais em um número crescente de áreas e atividades, produzindo rápidas mudanças na divisão territorial do trabalho. Como os fluxos internacionais já não se dirigem preferencialmente para onde os recursos (e principalmente o trabalho) são mais baratos, mas para os países mais ricos e para os grandes polos urbanos, produz-se um movimento de diferenciação e homogeneização que torna o território cada vez mais homogêneo em grande escala e fracionado em pequena escala. A hierarquização espacial associada a essa dinâmica (que integra determinadas áreas e segmentos da população enquanto exclui outros) também é acentuada, na medida em que as articulações entre os diversos pontos e nós do sistema global tendem a se tornar mais relevantes para o seu desenvolvimento que as antigas relações com suas periferias regionais ou nacionais. Além disso, com a configuração de uma nova arquitetura produtiva que supõe dispersão e articulação desses nós em um número crescente de lugares e cujas principais atividades requerem a existência de um múltiplo conjunto de centralidades para manejar e materializar o seu desenvolvimento em escala planetária, a globalização vem contribuindo para revitalizar o papel e o crescimento das grandes aglomerações metropolitanas. [...]

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de. A crise social das regiões metropolitanas brasileiras. In: FELDMAN, Sarah; FERNANDES, Ana. (Org.). O urbano e o regional no Brasil contemporâneo: mutações, tensões, desafios. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 115-116.

31. A partir da análise do texto, é correto afirmar:

- 01) “que”, nas referências 19, 20 e 21, representa o papel de agente em seus respectivos contextos linguísticos.
- 02) “Como”, nas referências 7, 22 e 23, contribui para a construção de sentido, nos contextos linguísticos em que se insere, com idêntico valor semântico-funcional.
- 04) “desde” (ref.8) e “Dando início” (ref.9) expressam, nos enunciados em que se inserem, as noções de tempo e de começo de processo.
- 08) “têm impactado” (ref.10) e “vem produzindo” (ref.11) acentuam o caráter eventual das transformações analisadas.
- 16) “os” (ref.12), “seus capitais” (ref.13) e “rápidas mudanças” (ref.14) complementam ações verbais.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO: TEXTO I

Eu estava deitado num velho sofá amplo. Lá fora, a chuva caía com redobrado rigor e ventava fortemente. A nossa casa frágil parecia que, de um momento para outro, ia ser arrasada. Minha mãe ia e vinha de um quarto próximo; removia baús, arcas; cosia, futejava. Eu devaneava e ia-lhe vendo o perfil esquelético, o corpo magro, premido de trabalhos, as faces cavadas com os malares salientes, tendo pela pele parda manchas escuras, como se fossem de fumaça entranhada. De quando em quando, ela lançava-me os seus olhos aveludados, redondos, passivamente bons, onde havia raias de temor ao encarar-me. Supus que adivinhava os perigos que eu tinha de passar; sofrimentos e dores que a educação e inteligência, qualidades a mais na minha frágil consistência social, haviam de atrair fatalmente. Não sei que de raro, excepcional e delicado, e ao mesmo tempo perigoso, ela via em mim, para me deitar aqueles olhares de amor e espanto, de piedade e orgulho.

LIMA BARRETO. Recordações do escrivão Isaías Caminha. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1989. p.26-27.

TEXTO II

TEIA de aranha, galho seco da roseira,
quem sou?
Luz calçada em alparbatas de prata
rapta as flores da fronha,
quem sou?
Pássaro que mora na neblina
destila seu canto de água limpa
– longe, sozinho –
me diga quem sou.

ROQUETTE-PINTO, Cláudia. Corola. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. p. 67.

32. No texto I, as ações e a caracterização da personagem da mãe são apresentadas de acordo com a visão do narrador. Para isso contribuem não só a narração em 1ª pessoa, mas também o emprego abundante de verbos e adjetivos.

a) Comente o efeito criado pela sequência de verbos em relação ao comportamento da personagem, na seguinte passagem:

“Minha mãe ia e vinha de um quarto próximo; removía baús, arcas; cosia, futejava.” (ref. 1)

b) Explique, na passagem a seguir, a relação entre a escolha dos adjetivos e locuções adjetivas e a caracterização dos sentimentos experimentados pela mãe em relação ao filho.

“Não sei que de raro, excepcional e delicado, e ao mesmo tempo perigoso, ela via em mim, para me deitar aqueles olhares de amor e espanto, de piedade e orgulho.” (ref. 2)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O leão e a raposa

Um leão envelhecido, não podendo mais procurar alimento por sua própria conta, julgou que devia arranjar um jeito de fazer isso. E, então, foi a uma caverna, deitou-se e se fingiu de doente. Dessa forma, quando recebia a visita de outros animais, ele os pegava e comia. Depois que muitas feras já tinham morrido, uma raposa, ciente da armadilha, parou a certa distância da caverna e perguntou ao leão como ele estava. Como ele respondeu: “Mal!” e lhe perguntasse por que ela não entrava, disse a raposa: “Ora, eu entraria se não visse marcas de muitos entrando, mas de ninguém saindo”.

Esopo - escritor grego do século VI a.C.

33. Assinale a alternativa correta.

a) O fragmento não podendo mais procurar alimento por sua própria conta (ref. 1) apresenta a causa da decisão assumida pelo leão.

b) A narrativa contém apenas discurso indireto, aquele em que o narrador faz uma paráfrase da fala dos personagens.

c) O uso do subjuntivo em respondesse (ref. 2) e perguntasse (ref. 3) denota a mesma ideia de hipótese presente em “O que você faria se ganhasse na loteria?”.

d) O pronome os (ref. 4 e 5), nas duas ocorrências, evidencia que a relação de coesão é estabelecida com elemento que será apresentado no texto apenas após os pronomes.

e) A partícula já (ref. 5) denota temporalidade relacionada exatamente a um momento presente, como em “Faça isso já, agora mesmo!”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

De um jogador brasileiro a um técnico espanhol
João Cabral de Melo Neto

Não é a bola alguma carta
que se leva de casa em casa:

é antes telegrama que vai
de onde o atiram ao onde cai.

Parado, o brasileiro a faz
ir onde há-de, sem leva e traz;

com aritméticas de circo
ele a faz ir onde é preciso;

em telegrama, que é sem tempo
ele a faz ir ao mais extremo.

Não corre: ele sabe que a bola,
Telegrama, mais que corre voa.

34. Quanto aos aspectos morfosintáticos do texto, assinale a alternativa correta.

a) O sujeito das duas primeiras estrofes é indeterminado, como se verifica pelos verbos “se leva” e “atiram”.

b) O predicado em “Não é a bola alguma carta” e “é antes telegrama...” é verbal, pois os verbos indicam o estado da bola.

c) O sujeito simples “brasileiro” da terceira estrofe é retomado nas demais estrofes pelo pronome “ele”.

d) O predicado da oração “Ele a faz ir”, na quarta e quinta estrofes, é verbo-nominal, pois indica ação e descreve a bola.

e) O substantivo “telegrama”, no último verso do poema, é um adjunto adnominal de “bola”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO I

Muito além do gênero

Em entrevista exclusiva, Luis Fernando Veríssimo fala sobre seu novo romance policial, “Os Espiões”.

Há algo ainda a ser tentado em romances policiais que já não o foi?

Quem escreve um romance policial escreve um gênero antigo, tentando sempre encontrar uma maneira nova de escrever. Quando fiz Clube dos Anjos, tentei algo. O leitor sabe, desde a primeira página, quem é o assassino; então o ponto de desenvolvimento do livro foi desvendar o motivo. Mas não há muito o que ser inventado desde que (o romancista Edgar Allan Poe) inventou o gênero. Ao inventá-lo, ele também já esgotou todas as variações. A que mais me encanta é a do narrador não confiável, aquele que conta a história, mas mente o tempo inteiro para o leitor.

Além de um crime, é claro, o que necessariamente um romance deve conter para ser considerado policial?

Na verdade, todo romance é uma espécie de investigação, é um desvendar por meio de uma história, há sempre um mistério, que pode estar todo contido numa mesma personalidade. Todos os livros são policiais, alguns com crime, outros não. A distinção do gênero é apenas conter o policial e a vítima, a investigação e a solução.

Mas você não vê algum tipo de evolução no jeito de escrever policiais desde Poe?

Há as maneiras humorísticas, por exemplo, e muitas das tentativas de romances policiais são paródias. Há também as mais pretensiosas, que tentam transformar o gênero em algo maior. Esses tipos de variações dialogam com as duas tradições clássicas. A europeia, em particular a inglesa, ambienta suas histórias muitas vezes numa cidade do interior com um crime desvendado pela capacidade dedutiva do investigador. A americana já traz o detetive particular, é mais violenta e ácida que a europeia e o investigador chega à solução do crime por meio da ação.

Você reconhece em sua obra policial alguma influência decisiva de outros autores?

A tradição europeia, em especial. Criei um personagem que é uma sátira a essa linha europeia, que é o Ed Mort. Parodiar o estilo europeu por meio dele foi uma homenagem que me deu prazer.

VERÍSSIMO, Luiz Fernando. Muito além do gênero. Entrevista a Luiz Costa Pereira Junior. Revista Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11769>>. Acesso em: 21 set. 2011. (Fragmento)

TEXTO II

Trecho do livro Quem matou o livro policial?

[...] Assim, seguem aqui as explicações necessárias para a compreensão da trama. (Trama, ou seja, a maneira como a história está sendo contada. No caso, de como as pistas estão sendo dosadas, oferecidas aos leitores, distribuídas entre os sucessivos episódios e outras aprontações cunhadas pela habilidade do autor...).

Vamos começar pelos detetives citados.

Sam Spade é o tal que desvenda o mistério de O Falcão Maltês, um livro muito importante na literatura policial americana, porque introduz um tipo novo de detetive. Edgar Allan Poe criou no século XIX Auguste Dupin, que por sua vez inspirou e foi aperfeiçoado por Conan Doyle, com o maior de todos os detetives dos policiais, Sherlock Holmes, que por sua vez é ancestral de Hercule Poirot, o detetive-astro de Agatha Christie. Todos esses detetives, menos Spade, são excêntricos, detetives-espetáculo. Desses que resolvem os mistérios graças a sua inteligência poderosa, seu embatível poder de observação, capacidade de organização das pistas,

discernimento sobre o que é e o que não é relevante e dedução. Ora, Dashiell Hammett, criador de Sam Spade, achava tudo isso meio que bobagem, que nenhum desses detetives estava sequer próximo do que, na realidade, era o trabalho de um detetive.

Ele tinha sido um detetive particular, e achava que um detetive de novela policial deveria ser mais realista, ou seja, que o detetive deveria era sair por aí seguindo pessoas, interrogando, confrontando versões, álbis, testemunhos. Até começar a pegar quem estava mentindo. E ao descobrir o que era a mentira, ou o que estava sendo encoberto, o mistério se desvendaria – e o criminoso era desmascarado. Era o detetive sem querer fazer charme (e, em muitas das histórias de Hammett, também sem nome, chamado de Continental Op, ou o detetive-operador da agência Continental). Sam Spade é bem isso. Recusa qualquer charme, qualquer romantismo, qualquer glamour. É frio, e trata a investigação como um processo de farejamento. É um sabujo.

(Tem outro ingrediente importante nesse novo tipo de policial criado por Hammett, que seria a gostosa fatal, ou seja, uma mulher linda que é uma besta-fera-dissimulada, cujo modelo pode ser a Milady, de Os Três Mosqueteiros, de Alexandre Dumas, um folhetim romântico, grande clássico da literatura do século XIX... Mas ainda não chegou o momento de falar disso.)

A imaginação americana para policiais ficou muito marcada pelo Falcão Maltês. Dele tivemos filhotes excelentes, como o detetive Phillipe Marlowe, de Raymond Chandler. O caso é que é difícil para um americano imaginar-se um detetive-espetáculo, como os ingleses. Piorando esse trauma, há o fato de Auguste Dupin, do escritor americano Edgar Allan Poe, ser um personagem que vivia em Paris. Ou seja, se é para ter charme, bota o cara no Velho Continente e estamos conversados.

Vamos combinar, não existe realismo em literatura, e muito menos em literatura policial. Existe sempre enredo, uma maneira de ocultar os culpados e as pistas essenciais, de apresentar o crime, de pôr o detetive na caça do criminoso, e, muito, muito, muito importante, de criar um tipo de detetive: um personagem.

AGUIAR, Luiz Antonio. Quem matou o livro policial?. Rio de Janeiro: Galera Record, 2010. p. 67-69.

35. Em “Vamos começar pelos detetives citados”, o uso da forma verbal de primeira pessoa do plural justifica-se pelo fato de ela

- retomar elementos do parágrafo anterior.
- estabelecer coesão entre os termos do período.
- referir-se a um sujeito coletivo expresso no texto.

d) caracterizar-se como uma estratégia de engajamento do leitor.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo.



Paraíba (Céceu)

Pê - a - pá

Erre - a - ra - í

Bê - a - bá

Paraíba

Paraíba do norte, do caboclo forte

Do homem disposto esperando chover

Da gente que canta com água nos olhos

Chorando e sorrindo, querendo viver

Do sertão torrado, do gado magrinho

Do açude sequinho, do céu tão azul

Do velho sentado num banquinho velho

Comendo com gosto um prato de angu

Acende o cachimbo, dá uma tragada

Não sabe de nada da vida do sul

Pê - a - pá

Erre - a - ra - í

Bê - a - bá

Paraíba

Paraíba do norte que tem seu progresso

Que manda sucesso pra todo país

Que sente a presença da mãe natureza

Que vê a riqueza nascer da raiz

Que acredita em Deus, também no pecado

Que faz do roçado a sua oração

E ainda confia no seu semelhante

E vai sempre avante em busca do pão

O pão que é nosso, que garante a vida

Terrinha querida do meu coração

Pê - a - pá

Erre - a - ra - í

Bê - a - bá

Paraíba

(Em: Ramalho, Zé. Duetos. BMG. São Paulo, 2004. CD-ROM.)

36. Na primeira parte do texto temos verbos, como: esperando, chorando, sorrindo, querendo, comendo; já na segunda parte, encontramos verbos, como: tem, manda, sente, vê, acredita, faz, confia, vai, garante. Sobre essa ocorrência, quanto à seleção verbal, pode-se afirmar o que está exposto nas alternativas abaixo, exceto em:

a) Os verbos: esperando, chorando, sorrindo e querendo estão na forma nominal gerúndio; já os verbos: tem, manda, sente, vê, acredita, faz, confia, vai e garante estão no presente do indicativo.

b) Ao usar verbos no gerúndio, a primeira parte do texto expressa a continuidade da ação de esperar, de chorar, de sorrir e de querer.

c) Ao usar verbos no presente do indicativo, na segunda parte do texto há o efeito da realização de ações em seu momento atual.

d) A continuidade da ação expressa pelos verbos na forma nominal gerúndio reforça a principal ideia do texto: de que o caboclo forte da Paraíba do Norte não progride, permanecendo sempre na mesma condição de velho sentado no banquinho velho.

e) A ação expressa pelos verbos, no presente do indicativo, ocorre no momento em que se fala.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

OBSOLESCÊNCIA PLANEJADA E PERCEPTIVA / ARMADILHAS DO CONSUMISMO

Vivemos numa época em que os artigos tecnológicos surgem do nada e tornam-se obsoletos num piscar de olhos. A velocidade com que esses produtos tornam-se superados não causa mais espanto a ninguém. Já estamos acostumados com esse fenômeno. Aquele celular hi-tec do ano passado já é peça de museu.

Alguns itens lançados recentemente tiveram uma vida tão curta que quase não são mais lembrados. O discman, 5aquele toca-cedê de bolso que veio substituir o walkman, não teve tempo de fazer história. 1Antes de se popularizar, foi substituído pelo MP3 player. 2Tudo isso, saiba você, não é resultado de uma evolução natural da tecnologia. Alguns itens tecnológicos quando nascem, acredite, já têm data prevista para sair de circulação. Isso é o resultado da obsolescência planejada, processo pelo qual os profissionais de marketing introduzem a obsolescência em determinados produtos para que esses sejam substituídos num tempo mais curto. O consumidor não tem escolha porque os produtos, em geral, só duram o tempo que o produtor quer.

Outra prática nessa mesma linha é a obsolescência perceptiva. Quando o fabricante não consegue reduzir o tempo de vida de um produto, lança uma 6“nova” versão com pequenas modificações. No Brasil chamam essa prática de “maquiar o produto”. Os produtos antigos, que têm a mesma funcionalidade, ficam com o aspecto de ultrapassados, e o consumidor é induzido a comprar o novo. Aliada a essa prática existe uma propaganda maciça que complementa a “lavagem cerebral”.

No passado, os produtos eram planejados para terem vida longa. Até mesmo as possíveis modificações do futuro eram pensadas. No seletor de canais das tevês dos anos sessenta e setenta, existia um espaço para UHF (não existia o canal 01, a numeração ia de 02 a 13) mesmo sem existir canal nem transmissão nessa frequência. No Brasil, o primeiro canal de UHF foi ao ar somente na década de 90. A bandeja do drive dos antigos toca-cedês já vinha com um círculo menor no centro. 3No futuro, imaginavam, os cedês diminuiriam de tamanho.

4Quando for trocar de celular, lembre-se, você pode estar realizando a vontade de alguém que passou algumas horas diante de uma planilha e criou uma situação que lhe conduziu a essa troca.

Fonte: CAVALCANTE, Ed. Obsolescência planejada e perceptiva, armadilhas do consumismo. Blog: Jornália do Ed. - <http://jornaliaed.blogspot.com/2009/06/obsolescencia-planejada-obsolescencia.html>. Acesso em: 07 out. 2011.

Glossário:

obsolescência: processo de cair em desuso; condição do que se torna ultrapassado.

37. Relativamente ao texto, assinale a alternativa CORRETA.

- a) No período “Antes de se popularizar, foi substituído pelo MP3 player.” (ref. 1), popularizar significa desvalorizar-se.
- b) A palavra obsolescência é derivada da palavra obsoleto, que significa supérfluo.
- c) Evidencia-se no texto que obsolescência é um tipo de processo tecnológico da linha de produção.
- d) O texto está escrito na primeira pessoa do plural. Se o transcrevêssemos para uma linguagem impessoal, iniciáramos assim: “Vivo uma época...”.
- e) No período “Tudo isso, saiba você, não é resultado de uma evolução natural da tecnologia.” (ref. 2), a expressão destacada está na terceira pessoa do singular do imperativo afirmativo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO 1

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. 1Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador.

[...]

Foram-se lá todos; e andaram entre eles. E segundo depois diziam, foram bem uma légua e meia a uma povoação, em que 2haveria nove ou dez casas, as quais

diziam que eram tão compridas, cada uma, como esta nau capitânia. 3E eram de madeira, e das ilhargas de tábuas, e cobertas de palha, de razoável altura; e todas de um só espaço, sem repartição alguma, tinham de dentro muitos esteios; e de esteio a esteio uma rede atada com cabos em cada esteio, altas, em que dormiam. E de baixo, para se aquecerem, faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, uma numa extremidade, e outra na oposta. E diziam que em cada casa se recolhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os encontraram; e que lhes deram de comer dos alimentos que tinham, a saber muito inhame, 4e outras sementes que na terra dá, que eles comem.

[...]

Eles não lavram nem criam. Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao viver do homem. E não comem senão deste inhame, de que aqui há muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si deitam.

[...]

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!

A CARTA de Pero Vaz de Caminha.

TEXTO 2

Nada mais bucólico que a cidadezinha de Chiloé. O tempo ali parece se arrastar. [...] 6As construções não ultrapassam três andares. São todas de madeira e ganharam uma suave pátina produzida pelo tempo. Casas com sótãos, janelas com cortinas delicadas, jardineiras floridas, pequenos objetos de decoração e penachos de fumaça saindo pelas chaminés indicam um interior aconchegante. Em toda parte, se sente o perfume da maresia trazida pelos ventos.

Em Chiloé, os homens são do mar, rostos marcados pelo frio. Vestem-se com agasalhos surrados e usam boinas bascas, típicas dos marinheiros espanhóis. [...]

A benevolência parece ser a marca registrada desses homens do mar. Nas comunidades persiste um dos principais legados da cultura chilote: a minga, uma forma de trabalho coletivo e solidário. [...]

Dia de minga é um dia especial. Participei de um deles, quando 5um grande número de pessoas se reuniu e, com parselhas de bois, arrastaram e mudaram de lugar nada menos que a casa inteira de um morador. Falei dessa solidariedade com Efraim, velho pescador do vilarejo de Queilén, no momento em que ele pintava o barco do amigo doente. “O mar purifica a arrogância e lava a prepotência”, ensinou esse velho lobo do mar.

REALI, H.; REALI, S. Igrejas de Chiloé. Planeta, p. 72-77, set. 2007.

Nota: O texto 1 contém trechos da carta, datada de 1º de maio de 1500, que Pero Vaz de Caminha escreveu ao rei D. Manuel, relatando os primeiros contatos com a terra e os habitantes do que viria a ser o Brasil. O texto foi adaptado para a ortografia atual. O texto 2, extraído de uma reportagem de revista, trata de Chiloé, um arquipélago no sul do Chile.

38. Considerando a variedade padrão escrita da língua portuguesa, marque a(s) proposição(ões) CORRETA(S) relativamente aos textos 1 e 2.

01) O advérbio “acerca” (ref. 1) também pode ser usado para indicar tempo decorrido, como em “Ele saiu acerca de duas horas”.

02) A forma verbal “haveria” (ref. 2) está no futuro do pretérito, mas não se refere efetivamente a um evento posterior a um tempo de referência passado, e sim a algo sobre o qual não se tem certeza.

04) No trecho “E eram de madeira, e das ilhargas de tábuas, e cobertas de palha, de razoável altura; e todas de um só espaço, sem repartição alguma” (ref. 3), ocorre um polissíndeto, que é o emprego repetido de uma conjunção coordenativa.

08) No trecho “e outras sementes que na terra dá” (ref. 4), segundo as regras gramaticais atuais, há um problema de concordância verbal. Esse problema poderia ser resolvido alternando-se a redação para: a) e outras sementes que a terra dá; ou b) e outras sementes que na terra dão.

16) No trecho “um grande número de pessoas se reuniu e, com parelhas de bois, arrastaram e mudaram de lugar nada menos que a casa inteira de um morador” (ref. 5), todos os verbos poderiam ser conjugados na terceira pessoa do singular ou na terceira pessoa do plural, sem que isso implicasse desobediência às regras de concordância verbal.

32) Os períodos “As construções não ultrapassam três andares. São todas de madeira e ganharam uma suave pátina produzida pelo tempo” (ref. 6) poderiam ser reunidos em apenas um com a seguinte redação: “As construções, que são todas de madeira não ultrapassam três andares, os quais ganharam uma suave pátina produzida pelo tempo”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Muita gente considera o catch um esporte ignóbil. O catch não é um esporte, é um espetáculo, e é tão ignóbil assistir a uma representação da dor, no catch, como ao sofrimento de Arnolfo ou de Andrômaca.

Existe, no entanto, um falso catch, pomposo, com a aparência inútil de um esporte regular; mas esse não tem qualquer interesse. O verdadeiro — impropriamente chamado catch amador — realiza-se em salas de segunda classe, onde o público adere espontaneamente à natureza

espetacular do combate, como o público de um cinema de bairro. Ao público pouco importa que o combate seja falseado ou não; o futuro racional do combate não lhe interessa: o catch é uma soma de espetáculos, 1sem que um só seja uma função: cada momento impõe o conhecimento total de uma paixão que surge, sem jamais se estender em direção a um resultado que a coroe.

Assim, a função do lutador não é ganhar, mas executar exatamente 2os gestos que se esperam dele. O catch propõe gestos excessivos, explorados até o paroxismo da sua significação. Esta função de ênfase é a mesma do teatro antigo, cuja força — língua — e cujos acessórios — máscaras e coturnos — concorriam para fornecer a explicação exageradamente visível de uma necessidade. O gesto de um lutador vencido, significando uma derrota que não se oculta, mas se acentua, corresponde à máscara antiga, encarregada de significar o tom trágico do espetáculo. O lutador prolonga exageradamente a sua posição de derrota, caído, impondo ao público o espetáculo intolerável da sua impotência. No catch, como nos teatros antigos, não se tem vergonha da dor, sabe-se chorar, saboreiam-se as lágrimas.

Roland Barthes. Mitologias. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010, p. 15-26 (com adaptações).

39. Considerando o texto acima e aspectos a ele relacionados, julgue os itens a seguir.

a) Na oração concessiva “sem que um só seja uma função” (ref. 1), há eclipse do núcleo nominal do sujeito da oração.

b) Seriam mantidas a correção gramatical e a interpretação original do texto, se o trecho “os gestos que se esperam dele” (ref. 2) fosse reescrito como os gestos lhe são esperados.

c) Os dois primeiros períodos do texto continuariam corretos e coerentes com o texto se fossem parafraseados do seguinte modo: Embora seja considerado um esporte ignóbil, o catch é um espetáculo tanto quanto outros em que há representação da dor, o que invalida característica que muitos lhe atribuem.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Ceará tenta tirar de Pernambuco o título de “pai” do forró

Pernambuco e Ceará sempre dividiram o título de precursor do ritmo que ficou conhecido popularmente como forró. O pernambucano de Exu, Luiz Gonzaga, e o cearense de Iguatu, Humberto Teixeira, foram autores de músicas que descreviam tanto a seca e a fome da região quanto as belezas do sertão nordestino. O clássico “A sa branca”, de autoria dos dois, representa bem isso. Agora, músicos cearenses atribuem esse pioneirismo a outro artista.

O primeiro registro fonográfico de um forró teria sido feito por um violeiro. Em outubro de 1937, Xerêm

gravou “Forró na roça”. Apesar de ser cearense, essa foi a única canção do estilo gravada pelo cantor. Xerêm partiu adolescente para Minas Gerais, formou dupla caipira e virou cantor de moda de viola.

O diretor do Memorial Luiz Gonzaga de Recife, Mauro Alencar, ouviu pela primeira vez a música “Forró na roça” a pedido da reportagem do iG. Para ele, a canção só tem “forró” no título. “Isso não é forró nem baião. É música mineira, lembra o calango, ritmo mineiro dos ‘bão’”, ironiza.

O estilo musical que se convencionou chamar forró sequer é considerado um gênero por muitos músicos. Segundo Mauro Alencar, a palavra seria uma corruptela de uma expressão lusitana: ‘forrobodó’, que quer dizer ‘baile popular’. O pesquisador explica que o ritmo a que atribuem o nome de forró é o baião, criado por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira.

(Daniel Aderaldo, www.ig.com.br. Adaptado.)

40. Com base no texto, responda:

a) O pronome isso, em – O clássico “Asa branca”, de autoria dos dois, representa bem isso. –, confere ambiguidade à frase no contexto do primeiro parágrafo. Em que consiste essa ambiguidade?

b) Reescreva a frase – Apesar de ser cearense, essa foi a única canção do estilo gravada pelo cantor. – fazendo as alterações necessárias para substituir a expressão Apesar de por Embora e empregar o verbo gravar, no trecho – gravada pelo cantor –, na voz ativa.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO I

1Durante mais de trinta anos, o bondezinho das dez e quinze, que descia do Silvestre, parava como burro ensinado em frente à casinha de José Maria, e ali encontrava, almoçado e pontual, o velho funcionário.

Um dia, porém, José Maria faltou. O motorneiro batia a sirene. Os passageiros se impacientavam. Floripes correu aflita a avisar o patrão. Achou-o de pijama, estirado na poltrona, querendo rir.

– Seu José Maria, o senhor hoje perdeu a hora! Há muito tempo o motorneiro está a dar sinal.

– Diga-lhe que não preciso mais.

A velha portuguesa não compreendeu.

– Vá, diga que não vou... Que de hoje em diante não irei mais.

A criada chegou à janela, gritou o recado. E o bondezinho desceu sem o seu mais antigo passageiro.

Floripes voltou ao patrão. Interroga-o com o olhar.

– Não sabes que estou aposentado?

(...)

Interrompera da noite para o dia o hábito de esperar o bondezinho, comprar o jornal da manhã, bebericar o café na Avenida, e instalar-se à mesa do Ministério, sisudo e calado, até às dezessete horas.

Que fazer agora?

Não mais informar processos, não mais preocupar-se com o nome e a cara do futuro Ministro.

Pela primeira vez fartava a vista no cenário de águas e montanhas que a bruma fundia.

(...)

4Floripes serviu-lhe o jantar, deixou tudo arrumado, e retirou-se para dormir no barraco da filha.

2Mais do que nunca, sentiu José Maria naquela noite a solidão da casa. Não tinha amigos, não tinha mulher nem amante. E já lera todos os jornais. Havia o telefone, é verdade. Mas ninguém chamava. Lembrava-se que certa vez, há uns quinze anos, aquela fria coisa, pendurada e morta, se aquecera à voz de uma mulher desconhecida. A máquina que apenas servia para recados ao armazém e informações do Ministério transformara-se então em instrumento de música: adquirira alma, cantava quase. De repente, sem motivo, a voz emudecera. E o aparelho voltou a ser na parede do corredor a aranha de metal, 3sempre calada. O sussurro da vida, o sangue de suas paixões passavam longe do telefone de Zé Maria...

Como vencer a noite que mal começava?

(...)

O telefone toca. Quem será? (...)

Era engano! Antes não o fosse. A quem estaria destinada aquela voz carregada de ternura? Preferia que dissesse desaforos, que o xingasse.

(...)

Atirou-se de bruços na cama. E sonhou. Sonhou que conversava ao telefone e era a voz da mulher de há quinze anos... Foi andando para o passado... Abriu-se-lhe uma cidade de montanha, pontilhada de igrejas. E sempre para trás – tinha então dezesseis anos –, ressurgiu-lhe a cidadezinha onde encontrara Duília. Aí parou. E Duília lhe repetiu calmamente aquele gesto, o mais louco e gratuito, com que uma moça pode iluminar para sempre a vida de um homem tímido.

Acordou com raiva de ter acordado, fechou os olhos para dormir de novo e reatar o fio de sonho que trouxe Duília. Mas a imagem esquiva lhe escapou, Duília desapareceu no tempo.

(...)

Toda vez que pensava nela, o longo e inexpressivo interregno* do Ministério que chegava a confundir-se com a duração definitiva de sua própria vida apagava-se-lhe de repente da memória. O tempo contraía-se.

Duília!

Reviu-se na cidade natal com apenas dezesseis anos de idade, a acompanhar a procissão que ela seguia cantando. Foi nessa festa da Igreja, num fim de tarde, que tivera a grande revelação.

Passou a praticar com mais assiduidade a janela. Quanto mais o fazia, mais as colinas da outra margem lhe recordavam a presença corporal da moça. Às vezes chegava a dormir com a sensação de ter deixado a cabeça pousada no colo dela. As colinas se transformavam em seios de Duília. Espantava-se da metamorfose, mas se comprazia na evocação.

(...)

Era o afloramento súbito da namorada (...).

ANÍBAL MACHADO

A morte da porta-estandarte e Tati, a garota e outras histórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

* Interregno: intervalo

41. No trecho transcrito a seguir há quatro orações, cujos limites estão assinalados por uma barra:

Floripes serviu-lhe o jantar, / deixou tudo arrumado, / e retirou-se / para dormir no barraco da filha. (ref. 4)

Reescreva esse trecho, passando a primeira oração para a voz passiva e convertendo a segunda em oração adjetiva introduzida por pronome.

Em seguida, indique a classificação sintática e semântica da última oração.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
Natal

Jesus nasceu! Na abóbada infinita
Soam cânticos vivos de alegria;
E toda a vida universal palpita
Dentro daquela pobre estrebaria...

Não houve sedas, nem cetins, nem rendas
No berço humilde em que nasceu Jesus...
Mas os pobres trouxeram oferendas
Para quem tinha de morrer na Cruz.

Sobre a palha, risonho, e iluminado
Pelo luar dos olhos de Maria,
Vede o Menino-Deus, que está cercado
Dos animais da pobre estrebaria.

Não nasceu entre pompas reluzentes;
Na humildade e na paz deste lugar,
Assim que abriu os olhos inocentes,
Foi para os pobres seu primeiro olhar.

No entanto, os reis da terra, pecadores,
Seguindo a estrela que ao presepe os guia,
Vêm cobrir de perfumes e de flores
O chão daquela pobre estrebaria.

Sobem hinos de amor ao céu profundo;
Homens, Jesus nasceu! Natal! Natal!
Sobre esta palha está quem salva o mundo,
Quem ama os fracos, quem perdoa o Mal!

Natal! Natal! Em toda Natureza
Há sorrisos e cantos, neste dia...
Salve, Deus da Humildade e da Pobreza,
Nascido numa pobre estrebaria!

OLAVO BILAC

In: BUENO, Alexei (org.). Olavo Bilac: obra reunida.

Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

42. Vede o Menino-Deus, que está cercado (v. 11)

As formas verbais deste verso modificam a representação do fato relatado, já que nas duas primeiras estrofes predomina o tempo passado dos verbos.

Explicitite o efeito estilístico causado pelo emprego de cada uma dessas formas verbais: uma no modo imperativo e outra no presente do indicativo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
Ode1 para o futuro

Falareis de nós como de um sonho.
Crepúsculo dourado. Frases calmas.
Gestos vagarosos. Música suave.
Pensamento arguto². Sutis sorrisos.
Paisagens deslizando na distância.
Éramos livres. Falávamos, sabíamos,
e amávamos serena e docemente.

Uma angústia delida³, melancólica,
sobre ela sonhareis.

E as tempestades, as desordens, gritos,
violência, escárnio⁴, confusão odienta⁵,
primaveras morrendo ignoradas
nas encostas vizinhas, as prisões,
as mortes, o amor vendido,
as lágrimas e as lutas,
o desespero da vida que nos roubam
- apenas uma angústia melancólica,
sobre a qual sonhareis a idade de ouro.

E, em segredo, saudosos, enlevados⁶,
falareis de nós - de nós! - como de um sonho.

JORGE DE SENA
www.lettras.ufrj.br

1 ode: tipo de poema

2 arguto: capaz de perceber as coisas mais sutis

3 delida: apagada

4 escárnio: desdém, menosprezo

5 odienta: que inspira aversão, ódio

6 enlevados: maravilhados, extasiados

43. No poema, observa-se uma tentativa de interlocução entre o eu poético e as pessoas do futuro.

Identifique a marca linguística que revela essa tentativa de interlocução. Em seguida, indique a quem o eu poético se refere com o emprego do pronome “nós”.

GABARITO

Resposta da questão 1: [D]

Resposta da questão 2:

a) Em i, a palavra que é um pronome relativo – introduz a oração adjetiva e substitui “loucura divina” nessa oração. Em ii, a palavra que é uma conjunção integrante - serve como elo sintático, ligando as orações.

b) O Iluminismo endossou a fé na razão. Durante a segunda metade do século XVII, efetuaram-se críticas, condenações e massacres a qualquer coisa que fosse considerada irracional.

Resposta da questão 3: [C]

Resposta da questão 4: [C]

Resposta da questão 5: [D]

Resposta da questão 6: [A]

Resposta da questão 7: [A]

Resposta da questão 8: [D]

Resposta da questão 9: [C]

Resposta da questão 10: [D]

Resposta da questão 11: [C]

Resposta da questão 12: [E]

Resposta da questão 13: [E]

Resposta da questão 14:

Os termos verbais “ensinasse” e “visse” apresentam-se conjugados no pretérito imperfeito do subjuntivo, mas apenas o último expressa hipótese.

Resposta da questão 15:

A marca linguística que indica a inclusão do autor e dos seus leitores na situação é o uso de termos verbais na primeira pessoa do plural e dos pronomes “nos” e “nosso(a)”: “Essas são as principais consequências de vivermos num mundo”; “O problema é que nem tudo ao nosso redor consegue atender à demanda”; “Semáforos vermelhos continuam testando nossa paciência, obrigando-nos a frear a cada quarteirão”; “que raios fazemos com os dois segundos, no máximo, que economizamos ao acionar aquelas teclas que fecham a porta do elevador?”; “para conter nossa irritação”. Também o imperativo do termo verbal “Confesse” sugere igualmente a inclusão do autor e dos leitores na situação.

Resposta da questão 16: [A]

Resposta da questão 17: [D]

Resposta da questão 18: [C]

Resposta da questão 19: [A]

Resposta da questão 20: [B]

Resposta da questão 21:

O verbo agradecer pode ser intransitivo, transitivo indireto ou direto, com o sentido de causar boa impressão, satisfazer e fazer carinho, respectivamente. No trecho “ele não o agrada”, o verbo é transitivo direto, portanto com valor semântico de fazer agrados, acarinhar. No segundo trecho, a variação da regência do verbo “olhar” não altera o sentido do texto, pois a mulher, sentada na cama, olha-o, mas ele não olha para ela é sinônima da original.

Resposta da questão 22:

a) “Sorriamos, nós não estamos sendo filmados!”

b) O uso do gerúndio na oração “você está sendo filmado” é pertinente, pois expressa uma ação prolongada que acontece no momento em que é enunciada.

Resposta da questão 23:

a) O verbo “surfear” é usado como transitivo direto no título do texto da campanha e em sentido figurado, pois está relacionado à capacidade de transição entre sites acessíveis na internet. Na última frase, o mesmo verbo é usado como intransitivo e apresenta significado literal, pois pertence ao mesmo campo lexical da palavra “nadar”.

b) No trecho do enunciado, os termos verbais “empolga”, “agarra” e “passageira” associados à palavra “internet” sugerem uma ação intensa, apaixonante, mas efêmera, ao contrário do que acontece com os que estão ligados à palavra “revista”, menos intensos, mas mais duradouros (“envolvem”, “abraçam”, “são permanentes”). O mesmo é sugerido no título, já que “surfear” é atividade esportiva moderna e “nadar”, uma modalidade tradicional.

Resposta da questão 25: $01 + 04 + 16 = 21$.

Resposta da questão 26: [B]

Resposta da questão 27: [C]

Resposta da questão 28: [A]

Resposta da questão 29:

- a) O interlocutor é o leitor do texto.
- b) O modo imperativo concede ao texto o sentido de sugestão, conselho e ordem.

Resposta da questão 30: [A]

Resposta da questão 31: $01 + 04 + 16 = 21$.

Resposta da questão 32:

a) Segundo o narrador, a mãe apresentava aflição e nervosismo diante dos perigos que ele havia de passar. A sequência de verbos ajuda a concretizar a imagem aflita e ansiosa da mãe, que se movimenta de um lado para o outro (ir e vir) e realiza várias ações (remover, coser, fustigar).

b) O período destacado é marcado pelo uso de vários adjetivos e locuções adjetivas, que retratam as contradições, as variações e as ambiguidades do sentimento materno. Exemplos: “raro”, “excepcional” e “delicado”/ “perigoso”, “de amor e espanto”/ “de piedade e orgulho”.

Resposta da questão 33: [A]

Resposta da questão 34: [C]

Resposta da questão 35: [D]

Resposta da questão 36: [D]

Resposta da questão 37: [E]

Resposta da questão 38: $02 + 04 + 08 + 16 = 30$.

].

Resposta da questão 39:

- a) Correto.
- b) Incorreto.
- c) Correto.

Resposta da questão 40:

- a) O pronome demonstrativo “isso” pode remeter anaforicamente aos estados brasileiros, Pernambuco e Ceará, considerados pioneiros do forró, ou à música “Asa Branca” que descreve a realidade do sertão nordestino.
- b) Embora fosse cearense, essa foi a única canção do estilo que o cantor gravou.

Resposta da questão 41:

Ao passar a oração principal para a voz passiva e substituir a coordenada assindética por uma subordinada adjetiva, o trecho apresentaria a seguinte configuração: o jantar foi-lhe servido por Floripes, que deixou tudo arrumado, e retirou-se para dormir no barraco da filha. O trecho “para dormir no barraco da filha” constitui uma oração subordinada adverbial final, reduzida de infinitivo.

Resposta da questão 42:

Os termos verbais “vede” e “está” interrompem o fato relatado anteriormente nas duas primeiras estrofes do poema. Assim, com o modo imperativo, o enunciador dirige-se aos homens, convocando-os a olhar o Menino-Deus. Com o presente do indicativo, o enunciador torna a cena atual e viva, como se ela se desenrolasse diante das pessoas que ali estão presentes.

Resposta da questão 43:

Os verbos conjugados na segunda pessoa do plural (“falareis” e “sonhareis”) constituem marca linguística que expressa a tentativa de interlocução entre o eu lírico e as pessoas do futuro. O pronome “nós” se refere às pessoas que vivem no presente.